

Atividade 2

Leia o texto abaixo com atenção e responda ao que se pede em seguida:

Um Estranho Ritual

Luis Fernando Verissimo

O casamento existe, de uma forma ou de outra, em todas as culturas. Entre certas tribos indígenas do Brasil Central, o jovem, antes de casar, deve se submeter a um teste de resistência e coragem, indo até o posto mais próximo da FUNAI para providenciar os papéis. Até hoje, em algumas regiões da Rússia, o noivo é obrigado a lutar contra um urso, sem nenhuma arma, para merecer a mão de sua pretendida. Muitas vezes, mesmo derrotando o urso, o noivo fica imprestável e o casamento é adiado. Outras vezes, quem ganha é o urso, mas não fica com a noiva, o que tem provocado alguns protestos contra a discriminação, ao parlamento soviético, por parte das noivas.

Na Ilha de Papaia, no Pacífico Sul, a família do noivo e a família da noiva devem reunir-se num festim que dura sete dias e sete noites e no qual todos bebem, comem e gritam e se comportam como animais, para que o casal que está pensando em começar outra família, pense bem no que vai fazer. Em Putiar, na Índia, o noivo deve passar uma semana com a família da noiva e vice-versa, e as famílias fazem o possível para aterrorizar o hóspede, ao ponto de mandar vir o tio que imita passarinhos e/ou a tia que fala pelos calcanhares quando os cotovelos dão uma chance. Se no fim desse período os noivos ainda quiserem casar, são declarados loucos e o casamento é proibido.

Na Ilha de Pu, no arquipélago do Japão, o noivo e a noiva eram mandados para a encosta desolada de um vulcão onde deviam sobreviver por uma semana, sem mantimentos e a ajuda de ninguém e só então tinham a permissão para casar. O costume foi abandonado, porque muitos jovens iam para encosta e voltavam no dia seguinte declarando que não conseguiriam passar no teste, quando só o que queriam era passar uma noite juntos, os safadinhos. Hoje, na Ilha de Pu, quando se quer falar mal da honra de uma mulher, diz-se: “shijealza sony-so shibum”, o que numa tradução aproximada quer dizer: “essa conhece bem o vulcão”.

Entre alguns aborígenes da Austrália, na cerimônia do casamento, a noiva deve quebrar um jarro na cabeça do noivo e acusá-lo de todas as infidelidades, mas depois da cerimônia ela nunca mais pode abrir a boca.

Em outro estranho hábito matrimonial, a mulher é levada a um local da cerimônia pelo seu pai, que deve caminhar duramente e limpar o suor da testa com um lenço a intervalos regulares. O pai da noiva entrega a filha ao noivo, que deve estar sorrindo como um bobo. Durante a cerimônia, que consiste na troca de argolas de significado obscuro, o par de noivos fica entre duas alas de “padrinhos e madrinhas”, estas com vestimentas brilhosas e curiosos ornamentos na cabeça. O sacerdote que conduz a cerimônia deve falar sem parar com os noivos ajoelhados à sua frente, até que os noivos começam a dar sinais de cansaço, com espasmos involuntários nas nádegas, e então, ele pára. Depois da cerimônia há uma festa paga pelo pai da noiva, que por isso sua muito, e na qual os “padrinhos” puxam o noivo para um canto e fazem piadas

sugestivas, enquanto a mãe do noivo chora muito e o pai da noiva fica com azia. É tudo muito primitivo.

*

Exercício:

De um modo geral, a crônica de Verissimo traz um exemplo concreto de como podemos nos deparar com outros símbolos e significados que, à primeira vista, não nos parecem muito “racionais”, mas que podem ser “lidos mais densamente”, nos permitindo o reconhecimento de outras culturas. Enfim, usando exemplos do texto de Veríssimo, e fundamentado nos elementos teóricos da Unidade II de sua apostila, explique o que é cultura.